

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1218	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	645	120	30 de Outubro de 1912	<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.</p>
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	645	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	645	120		



PEDRO I DA SERVIA



FERNANDO I DA BULGARIA



JORGE I DA GRECIA



NICOLAU I DE MONTENEGRO
SOBERANOS DOS BALKANS



CARLOS I DA ROMANIA

Pedro I rei da Servia, nasceu em 1844 e foi coroado em 1904 — Fernando I rei da Bulgaria, nasceu em Vienne em 1861 e foi proclamado rei em 1887. — Jorge I rei da Grecia, nasceu em Copenhague, em 1845, filho segundo do rei Cristiano IX da Dinamarca, proclamado rei em 1863. — Nicolau I rei do Montenegro, nasceu em 1841, proclamado principe em 1860 e coroado rei, em 1910. — Carlos I rei da Romania, nasceu em Sigmaringen em 1839, principe de Hohenzollern, proclamado rei, em 1881.

CRONICA OCCIDENTAL

Assóma-se D. Crónica ao varandim do OCCIDENTE, e com uma atenção docemente velada de compassividade e ironia — sorriso de quem desceu á interioridade profunda das coisas e da vida, e tocou com o pé a lama e tocou com o olhar as estrelas — examina a multidão que gesticula, ruge e passa. . .

E sorri de Demócrito e sorri de Heraclito, longinquamente. . .

Entretanto, como lhe fulge no olhar-esmeralda a alegria maligna e clara dos espiritos lucidos — nesse olhar felino que é a minha admiração e o meu amor, nesse olhar esverdeado que deve ter Satan — esse gracioso diabo que saltou de sonho em sonho pelas estrelas e veiu emfim trambullhar no seio doloroso da Realidade!

Mas não que D. Crónica trambulhasse, um dia, acaso! Não. D. Crónica jámais perde a linha da sua artificialidade artística, minuciosamente estudada e traçada.

Mostrar-se na sua ingenuidade paradisiaca — seria abrir-se aos olhos profanos e píscos que de longe a espreitam.

A mim — que sou seu interprete fiel e confidente íntimo — nunca ela consentiu, num momento de abandono, que eu lhe deslaçasse a liga ou desapertasse o corpete. Como ela sabe impôr distancias nas suas confidencias de ironia amistosa! Como ela sabe meter seriedade sísuda no seu sorriso brêgeiro!

Como ela sabe sobrepôr no seu narizinho de delicada o seu omnividente *lorgnon* e transmitir numa nevoa de palavras e perfumes as suas observações sempre justas e as suas impressões sempre finas! . . .

E como ela fala tão bem e tão junto a mim — e eu interpreto aos meus leitores tão junto a ela — até sinto a impressão de que é uma voz bem dentro de mim e bem profunda que me segreda.

Olhem! Ah! vem pela rua abaixo um gentil grupelho de moços militares cadêtes. Vêm tristes e antipáticos — os moços!

Os seus olhos pairam inquietos e quasi ameaçadores. Os narizes alongam-se numa expressão seria. Gesticulam com veemencia. Alguns, têm queixas caninos e agressivos — desses que costumam arrojarse em dichotes aos andrajos catifas dos bairros sujos. Alguns, meneiam atitudes de faia e desenham no ar calmo gestos de sangue. Olhem! Lá desponta em cima um outro grupelho de militares cadêtes da mesma especie. Estes refletem no semblante uma animação mais agradável e acolhedora. Sorriem. Encolhem os hombros ossudos de indiferença por alguma observação de justiça que na conversação occorresse. Ríem ruidosamente. Esboçam gestos calmos de precoce importancia acaciesca.

Enramalhetam frases floridas ás criadinhas engomadas e graves que transitam e piscam o olho ás petizinhas do quarto andar. Alguns usam óculos limpinhos e grossudos de pobres-diabos que não vêem um palmo adiante do nariz. Que será? . . .

Ah! Não sabem? Deu-se no dia vinte e cinco deste luminoso mês de Outubro, decisão aos mancebos que pretendiam transpôr os liminares da nossa Escola de Guerra. Carreira bonita, a dos estudantes militares — segredou-me com dengosidade ali a minha vizinha, graciosa dôna duns olhos pequeninos e enormes olheiras e deliquescente nariz, e afinal, eu concordei. Profissão deliciosa, cabecinha alegre, pança foliôna. E é por isso que olhos femininos tanto se alongam na contemplação duns botõesinhos de farda e é por isso que a este concurso afluíram aproximadamente noventa estudiosos mancebos, sendo admitidos ao certo trinta e seis. Apeiraram no Rocio meninos e papás, quasi sempre maiores reformados, vindos do Porto e Coimbra e fôram misericordiosos dar pasto aos vermes dos hotéis e casas de hospedes da capital.

Os papás, de papeira senhorial e abdomen falstaffico, á mêsda do jantar, acotovelavam sem escandalo as vizinhas, e acariciavam amigavelmente o queixinho apêçegado da criada.

E os meninos passeiaram a cidade e relacionaram-se no *Café do Gelo* e embrenharam-se no brodio nocturno. . .

E referveram as panelinhas dos empenhos. E lévezinhos, nas provas eliminatórias, os rapazes saltaram fossos de dois metros, agatinharam por uma corda de três metros e meio e passeiaram descuidados por uma prancha colocada a certa altura. E fizeram provas escritas, gracejaram gatuas literarias em pretensa missiva a um amigo

e esforçaram-se por erguer-se á transcendencia mathematica. Afim! A decisão appareceu definitiva. Fôram admitidos nove estudantes do Porto, doze de Lisboa e desasseis de Coimbra. E dahi, todo o pezar e desânimo, toda a alegria e despreocupação que se pintam nas fisionomias dos moços-cadêtes que riem e ameaçam, gesticulam e pulam e passam sob o nosso varandim. . .

Reparem bem! Eis ahí vem um magote de gente miudinha, de cara alvar e inutilidade patente, que se engrandece nos gestos nervosamente sacudidos e na importancia social que se attribue.

Seguem a logica do Maior-Numero. Atribuem-se e impõem a importancia da sua missão na razão inversa da verdadeira utilidade social. Teem a carinha boçal mosqueada de tics canalhas e irrisantes e olhares arresados e gestos suspeitos de quem costuma ir colher o pômo prohibido, pé ante pé, por logares escusos. São actôres, jornalistas e literatos. Que discutem eles? A reforma do Teatro Nacional, que appareceu no *Diario do Governo* pelos dias quatorze ou quinze do mês que decorre.

Os literatos arreganham a bôca-de ouro apostolizante, erguem as mãos liturgicas e a sua cólera sagrada anatematiza o barbaro que sujeita á apreciação dum juri de actores grosseiros e ignorantes a obra dum mimoso e inspirado poeta dramatico.

Os actôres verberam com acerbidão e num belo gesto a deficiência insólvel de aptidões scenicas da maioria dos nossos autôres dramaticos. Os jornalistas — esses limitam-se a expôr sucintamente, com enfado e indiferença, a opinião do conciliábulo jornalístico a que pertencem.

Só resta saber se os actôres nomeados para formarem o juri da apreciação, serão recrutados entre os nossos rarissimos — rarissimos! — artistas de teatro reconhecidamente sabedores e talentosos!

Meus amigos e leitores, afastai-vos, abri alas e descobri-vos com deferencia.

Eis, avança, a passo lento, uma especie de monstro adiposo e disforme duma caraça empapada de amanuense que distendeu e repousou as gorduras, na ociosidade das secretarias, bocejando e lendo os *block-notes* dos diarios e colecionando anedotas chistosas. Eis, avança. . .

Eis, avança. . . E' uma relíquia veneranda da monarchia. Pertence ao numero dos dois mil e sessenta e dois conselheiros que a realza errante nos legou e parece andar por ahí em peregrinação lamentosa, a falar aos montes e ás ervinhas, com acentos tocantes e olhos de comoção.

Quem o lava das suas máculas? Que mal faria a Deus, o santo homem, pobrissimo Job a estorcer-se na corrosão da necrose que o esfacela num monturo de dejectões antigas? Quem o lava? Quem o salva? . . .

E o conselheiro avança, avança, esfuma-se ao longe e perde-se nas brumas indecisas da distancia. . .

ANTONIO COBEIRA

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A guerra nos Balkans

A *questão do Oriente*, que desde ha muito tem preocupado a diplomacia, complicou-se a ponto de provocar a terrivel *guerra dos Balkans*, pondo em lucta o Montenegro, a Servia, a Bulgaria e a Grecia contra a Turquia, o colosso asiatico europeu, que tão dizimado tem sido pela cubica das potencias, a ultima das quaes, a Italia, acaba de lhe arrancar a ambicionada *Tripolitana*. Este complicado problema da *questão do Oriente* constitue uma serie de episodios que encheram o seculo dezenove e promettem multiplicar-se no seculo do radio e do aeroplano. Os principaes periodos são: 1.º a *insurreição servia* (1804-1815) e a formação d'um principado vassalo da *Servia* (1830); 2.º a *insurreição grega* (1821-1829) e a *guerra russo-turca* (1828-1829) terminadas pelo *tratado de Andrinopla* (1829) e a *fundação do reino da Grecia*; 3.º o *conflicto turco-egyptio* (1831-1841), que terminou pela autonomia do *Egypto*; 4.º a *guerra da Crimeia* (1854-1856) que terminou pela derrota dos russos e *tratado de Paris*; 5.º a *guerra dos Balkans* (1877-1878) terminada pelo *tratado de Berlim*, que sancionou

a *independencia* completa da Servia e da Rumânia, a emancipação da Bulgaria e a occupação da Bosnia-Herzegovina pela Austria; 6.º a *guerra grego-turca* (1897) que terminou pela autonomia de Creta; 7.º a *revolução turca* (1908-1909) que teve por consequencias a *independencia completa da Bulgaria e annexação definitiva da Bosnia-Herzegovina pela Austria*; 8.º *guerra italo-turca* (1911-1912), que terminou pela *annexação da Tripolitana e da Cyrenaica á Italia* (tratado de Ouchy, 18 10 1912).

O *tratado de Berlim*, inspirado pela cupidez e pelo egoismo, em vez de ser uma obra de paz, veiu augmentar as difficuldades existentes, visto que, collocando os christãos da Macedonia sob o dominio turco, deu origem a uma *questão da Macedonia*, causa de inquietação permanente para a Europa. Separando a Rumelia da Bulgaria, foi a origem da *revolução bulgaro-servia*, e impedindo a formação da unidade servia pela annexação da Bosnia Herzegovina á Austria, esse *tratado* foi contra a vontade dos habitantes que tinham votado a sua união á Servia. Fazendo da Austria uma potencia balkanica, o *tratado de Berlim* despertou nella a ambição de attingir um dia a Salonica e o mar Egeu.

Aos interesses da Austria oppõem-se os da Russia, e são estas duas grandes potencias que mais attentamente seguem os passos das jovens nações da *Liga Balkanica* — Montenegro, Servia, Bulgaria e Grecia — que se lançaram em guerra formidavel contra a Turquia. Já no tempo de Pedro o Grande o colosso moscovita teve a ambição de transformar o *Mar Negro* e o *Mar de Marmara* em dois grandes lagos russos, com a occupação de Constantinopla. A *Austria* alimenta o secreto desejo de estender seu dominio á foz do Danubio e a Salonica. Não contente com a Bosnia e a Herzegovina, a Austria quer ir para sudeste, pelo Sandjak de Novi Bazar.

A França e a Inglaterra evidenciaram uma politica dupla: de *generosidade*, pelos christãos contra os turcos; de *interesse politico*, para impedir a extensão do poderio russo até ao Mediterraneo, auxiliando os turcos contra os russos.

As causas politicas da actual guerra veem juntar-se as causas accentuadamente religiosas, que produziram sempre profundas dissensões, e odios entre christãos e mahometanos, os quaes se chacinam constantemente, chegando a praticar scenas verdadeiramente cannibalescas.

O celebre artigo 23 do *tratado de Berlim* tinha em mira terminar com esse estado de cousas, estabelecendo que a administração das provincias da Turquia europeia fôsse reorganizada por uma commissão internacional, havendo regulamentos adaptados exactamente ás necessidades de cada região, com a collaboração do elemento indigena. Aceite este principio em 1877, a Porta, em 1880, iniciou os trabalhos nesse sentido, organizando-se a commissão presidida por Lord Edmond Fitzmaurice, a qual resolveu que as provincias turcas tivessem um governo local, com governadores nomeados por cinco annos e assembleias electivas. O sultão Abdul-Hamid, deposto em 1909, nunca homologou estes salutareos principios, continuando a anarchia e o despotismo.

Se se tivesse applicado esse artigo do *tratado de Berlim*; se não se tivesse permitido que o antigo regimen ottomano se subtrahisse constantemente ao cumprimento das suas promessas e do seu dever elementar, a situação não se teria complicado até ao ponto actual e as nacionalidades christãs do imperio ter-se hiam desenvolvido fóra de todas as influencias externas que actualmente as estimulam. Mas o regimen humidiano procurava assim ganhar tempo, e ás grandes potencias continha esse estado de anarchia, que lhes permitia frequentes intervenções ou pretextos para satisfazerem sua insaciavel cubica.

Detenhamo-nos um pouco no exame das causas determinantes do choque actual.

A diversidade das populações da Macedonia e o efeito das diversas propagandas nacionaes, bulgara, servia e grega, inspiradas pela Bulgaria, a Servia e a Grecia, que, desde ha muito, aspiram á herança da Turquia, são impossiveis de comprehender perfectamente desde que se não distingam successivamente os agrupamentos fundados na nacionalidade e os que se baseiam na religião.

Sob o ponto de vista das raças, a Macedonia abrange slavos, greco-latinos, albanezes, turcos e Semitas.

Os slavos declaram-se agora servios ou bulgaros, mas é necessario notar que, quando se fez o *tratado de Berlim*, os slavos macedonios falavam um dialecto slavo, mistura de bulgaro e servio, com alguns vocabulos turcos e gregos. Entre esses slavos não havia uma distincção nitida, lin-

guística e nacional; só mais tarde, por effeito das diferentes propagandas, é que veio a separação entre servios e bulgaros.

Os greco-latinos são representadas pelos helenos e rumenios ou kutzu-valachios. Os gregos são mais numerosos em Salonica e no littoral do Mar Egeu.

Os albanezes pertencem a esse povo interessante e singular, d'origem mysteriosa, que occupa a Albania e cujos costumes feudaes e sanguinarios tem conseguido até ao presente afastar os estrangeiros.

Os turcos representam a raça conquistadora, oriunda da Asia. Os israelitas da Macedonia são originarios de Portugal e da Hespanha. Estão concentrados principalmente em Salonica, onde tem prosperado bastante.

São estes os principaes gregos Almographicos.

Vejamos agora os agrupamentos baseados na religião cuja importancia é tão grande nas questões do Oriente. Se puzermos de parte umas tantas dezenas de milhares d'albanezes catholicos, os mussulmanos (albanezes e turcos), os israelitas, verifica-se que sob o ponto de vista religioso os christãos da Macedonia não catholicos, isto é, os gregos orthodoxos e os slavos (servios e bulgaros), ligam-se quer ao patriarchado grego quer ao exarchado bulgaro. Ha portanto necessidade de distinguir os *patriarchistas* (gregos e servios) e os *exarchistas* (bulgaros). Quaes são as forças numericas dos diversos grupos nacionaes em presença. Os numeros abundam, fornecidos pelos interessados, mas são a maior parte das vezes contradictorios.

A Turquia da Europa conta cerca de 6 milhões de habitantes. Os albanezes são cerca de 1.500.000. Os gregos affirmam que são 2 milhões; os christãos sustentam que os turcos são, no maximo, 1.500.000. O *Frankfurter-Zeitung* de 17-7-1910, diz que existem na Turquia europeia 190.000 israelitas, 100.000 kutzo-valachios, 700.000 bulgaros e 700.000 servios. Os bulgaros, por sua parte, garantem que só na Macedonia se contam por mais d'um milhão; os servios 1.046.000, na Turquia da Europa. No conjuncto os christãos constituem incontestavelmente a maioria.

O famoso artigo 23 do tratado de Berlim tinha garantido reformas em favor dos christãos da Macedonia, afim de lhes assegurar o dominio do sultão um regimen administrativo toleravel. Essas promessas nunca foram cumpridas pelos turcos.

Por isso os governos de Sofia, Athenas e Belgrado, incitados pelos bulgaros, gregos e servios da Macedonia, começaram nesta região, posteriormente ao tratado de Berlim, a fazer propagandas nacionaes que tinham por fim: 1.º obter a realisação das reformas precisas; 2.º chamar para os christãos a attenção da Europa; 3.º attrahir o maior numero possível de partidarios das suas causas nacionaes respectivas, afim de preparar o melhor possível as anexações futuras dos fragmentos da Macedonia á Bulgaria, Grecia e Servia, quando o *enfermo* (a Turquia europeia) tivesse deixado de existir.

A propaganda bulgara foi superiormente dirigida por Monsenhor Joseph, exarcha bulgaro, formado em direito pela Universidade de Paris, o qual por patriotismo, consentiu em se fazer monge e depois bispo, para se consagrar inteiramente á causa bulgara na Macedonia. Sob sua alta e intelligente direcção, apesar dos entraves dos turcos, os bulgaros chegaram a estabelecer na Macedonia perto de 4.000 mestres de escola que ensinaram a verdade bulgara a cerca de 50.000 alumnos.

Os servios apresentam titulos historicos para a posse da Velha Servia e d'um pedaço da Macedonia.

O principe Bismarck, no congresso de Berlim, fez com que á Austria se desse a Bosnia e a Herzegovina, povoada principalmente de servios, de modo que a propaganda servia teve que procurar mais ao sul o accesso da Servia para o mar. Mas, não dispondo d'uma igreja autonoma como os bulgaros os servios sentiram-se por muito tempo embaraçados na sua propaganda. Finalmente obtiveram resultados importantes na Velha Servia e na região de Uskub.

Quanto aos gregos, que dispunham do potente apoio do patriarcha oecumenico de Constantinopla, esses embalaram-se durante muito tempo em sonhos de *pan-hellenismo*, da *Grande Ideia*, aspirando não sómente á posse do sul da Macedonia, mas tambem das costas do Mar Egeu e mesmo de Constantinopla, cuja occupação lhes teria permitido que reconstituíssem o antigo imperio de Byzancio.

Emfim, os rumenios ou kutzo valachios da Macedonia estão evidentemente muito longe e muito

dispersos para que a România possa pensar em annexá-los.

Convém, finalmente, acrescentar que estas diferentes propagandas nacionaes, sob o effeito da oppressão humidiana, se fortaleceram com uma acção revolucionaria grega, servia e bulgara, que se exercia por meio de bandos armados, empregando processos terroristas, não só contra os turcos, mas tambem contra os diferentes elementos christãos adversos. Isto explica-se pelo facto de que anteriormente á revolução joven-turca (1908) as pretensões da Grecia, da Bulgaria e as da Servia sobre a Macedonia eram exageradas e inconciliaveis.

Ora, é sobre esses povos christãos, profundamente divididos entre si pelas paixões nacionaes e religiosas, as mais potentes d'entre todas, que a administração turca fez pesar, depois do tratado de Berlim, um jugo esmagador. Assassinos impunes, prisões arbitrarías, exilio para a Asia Menor, granjas incendiadas, mulheres e donzelas violadas, todas estas e outras especies de violencias suscitaram tanto odio no coração dos christãos da Macedonia que um grande numero d'entre elles, chegados ao paroxysmo do desespero e não tendo já nada que perder, formaram esses bandos, gregos, servios e bulgaros, que, pelos seus attentados repetidos a dynamite, exerceram represalias terribes nos turcos e tentaram a todo o custo a attenção da Europa para a triste situação de seus irmãos.

Em 1912 a oppressão turca foi de tal modo intoleravel que até as populações pacificas se sublevaram ou emigraram em massa.

As potencias por fim commoveram-se, e, em 1903, a Porta comprehendeu que era forçoso escutar as reclamações da Europa. A Turquia aceitou, pois, a creação d'um inspector geral da Macedonia, Hussein Hilmi pachá, e de dois *controlleurs* civis, russo e austriaco. Alem d'isso, na policia macedonia introduziram-se officiaes europeus. E assim começou a fiscalização europeia na Macedonia.

Em 1905 creou-se uma comissão internacional destinada a organizar a administração financeira.

Em 1907, a Russia e a Austria esboçaram um projecto de reforma de administração judiciaria, mas não houve harmonia de vistas entre os respectivos governos. Isvolsky, entabou negociações com a Inglaterra, no intuito de, com razão, dar um caracter mais accentuadamente europeu á questão da Macedonia, cuja solução já não dependia exclusivamente da Austria e da Russia.

Quando se deu a entrevista de Revel, a 9 de junho de 1908, o rei de Inglaterra e o czar esti-

veram quasi d'accordo sobre a extensão a dar ao *contrôle* europeu já existente na Macedonia. Esta noticia, rapidamente divulgada, alarmou em alto grau os *comités jovens turcos* que então trabalhavam para a queda de Abdul Hamid. Os jovens-turcos consideraram que, se esperassem mais tempo, a intervenção da Europa faria na Macedonia um progresso decisivo, que já não seria possível combater. Esta ideia decidiu-os a precipitar os acontecimentos, e, a 24 de julho de 1908 — apenas quarenta e cinco dias depois da entrevista de Revel — rebentou a estrondosa revolução joven-turca.

A proclamação da Constituição ottomana feita nessa data exerceu uma acção extraordinaria na Macedonia. Durante os seis ou oito meses seguintes, christãos e mussulmanos fraternizaram. Os chefes dos bandos christãos foram entregar voluntaria e espontaneamente suas armas ás autoridades ottomanas.

Crentes de que tinha chegado finalmente a era da justiça, os christãos já não solicitavam o apoio da Europa. Quanto ás potencias, confiadas nos jovens-turcos e nas suas promessas, encantadas, por outro lado, por se libertarem das difficuldades macedonias, tiveram a fraqueza de consentir na abrogação d'esse esboço de *contrôle* europeu, que havia sido creado na Macedonia, á custa de tantas difficuldades, em 1903 e 1908.

Mas, ao fim de poucos mezes, o *turquismo* dos jovens turcos desmascarou-se. Suas suspeitas para com os christãos tornaram-se manifestas, quando se viu que elles procediam com uma violencia inaudita ao desarmamento da população; que postergavam os direitos concedidos ás escolas christãs; que tentaram crear artificialmente no seio das massas christãs maiorias mussulmanas, installando ahi emigrantes mussulmanos, mandados vir expressamente da Bosnia, da Herzegovina e da Asia.

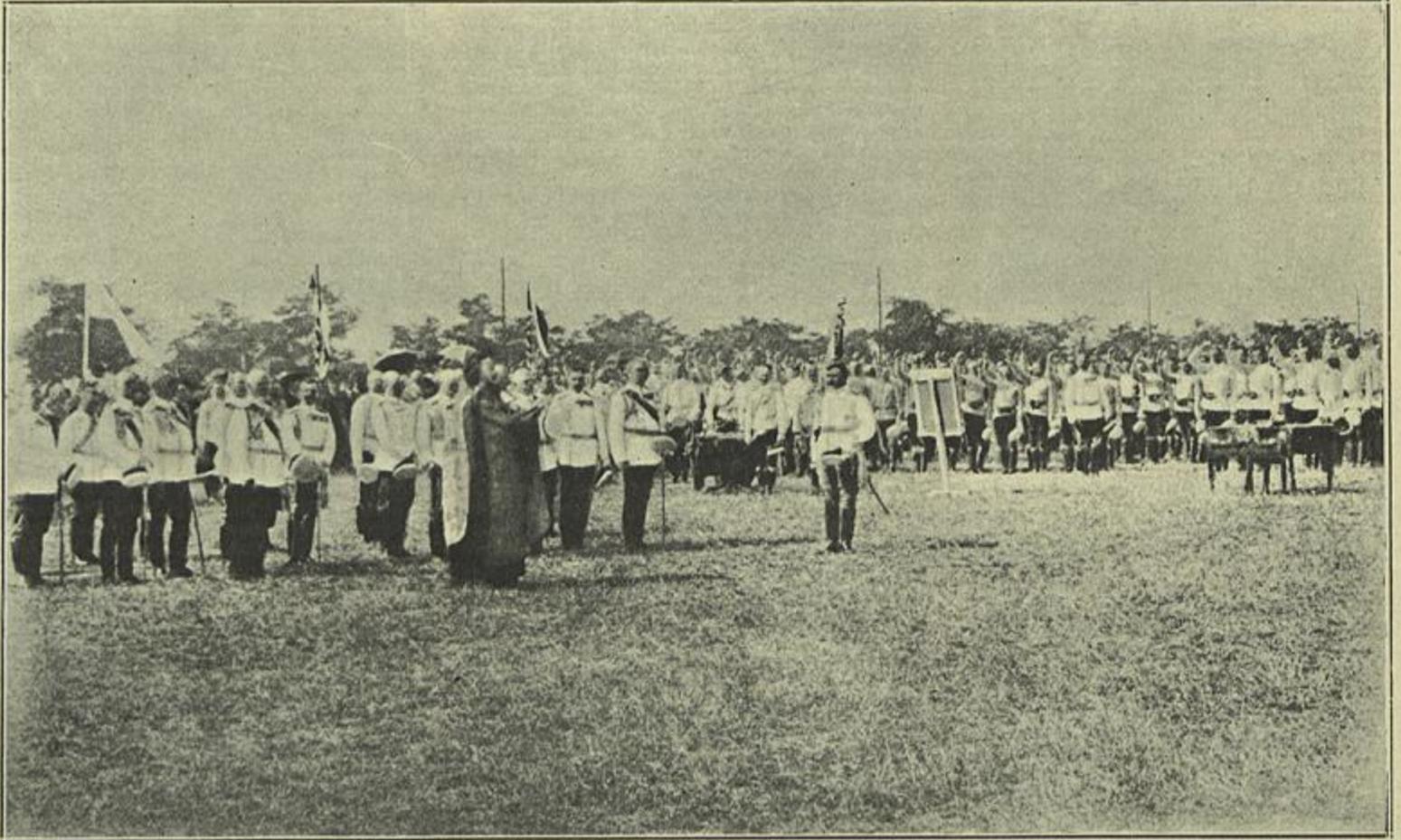
A desillusão dos christãos foi, d'esta vez, tanto mais intensa quanto maiores tinham sido as suas esperanças no novo regimen... Suas coleras despertaram mais fortes que nunca perante um estado de cousas que, nos fins de 1910, se tinha tornado já quasi tão intoleravel como no tempo de Abdul Hamid.

E' a partir d'esse momento, e sobretudo em 1911, que se produziu um facto consideravel e absolutamente novo na historia da questão da Macedonia. Foi a *união dos christãos*. Desde o momento em que elles adquiriram a certeza de que lhes era impossível contar para o futuro com um entendimento com os Jovens-Turcos, Servios, Gregos, Bulgaros; comprehenderam, além d'isso, que a lucta de propaganda nacional entre elles estava exgotada, visto que cerca de 150.000 Sla-



MAPA DOS ESTADOS DOS BALKANS E TURQUIA ONDE SE ESTÁ FERINDO A GUERRA

A GUERRA SANTA DOS BALKANS



ANTES DE PARTIR PARA A GUERRA, JURAMENTO DAS TROPAS BULGARAS PERANTE O CHEFE DO ESTADO E DO BISPO

vos macedonios se não declaravam ainda nitidamente Servios ou Bulgaros.

Com espanto dos Jovens-Turcos, que não podiam crêr em tal, o accordo fêz-se rapidamente

entre Gregos, Servios e Bulgaros da Macedônia, outr'ora adversarios encarniçados. Immediatamente, quasi simultaneamente, como se aggravasse de mês para mês a situação politica interna

da Turquia, o entendimento dos christãos da Macedônia foi seguido d'uma approximação dos governos de Athenas, Sofia e Belgrado, separados até então por esperanças contradictorias.

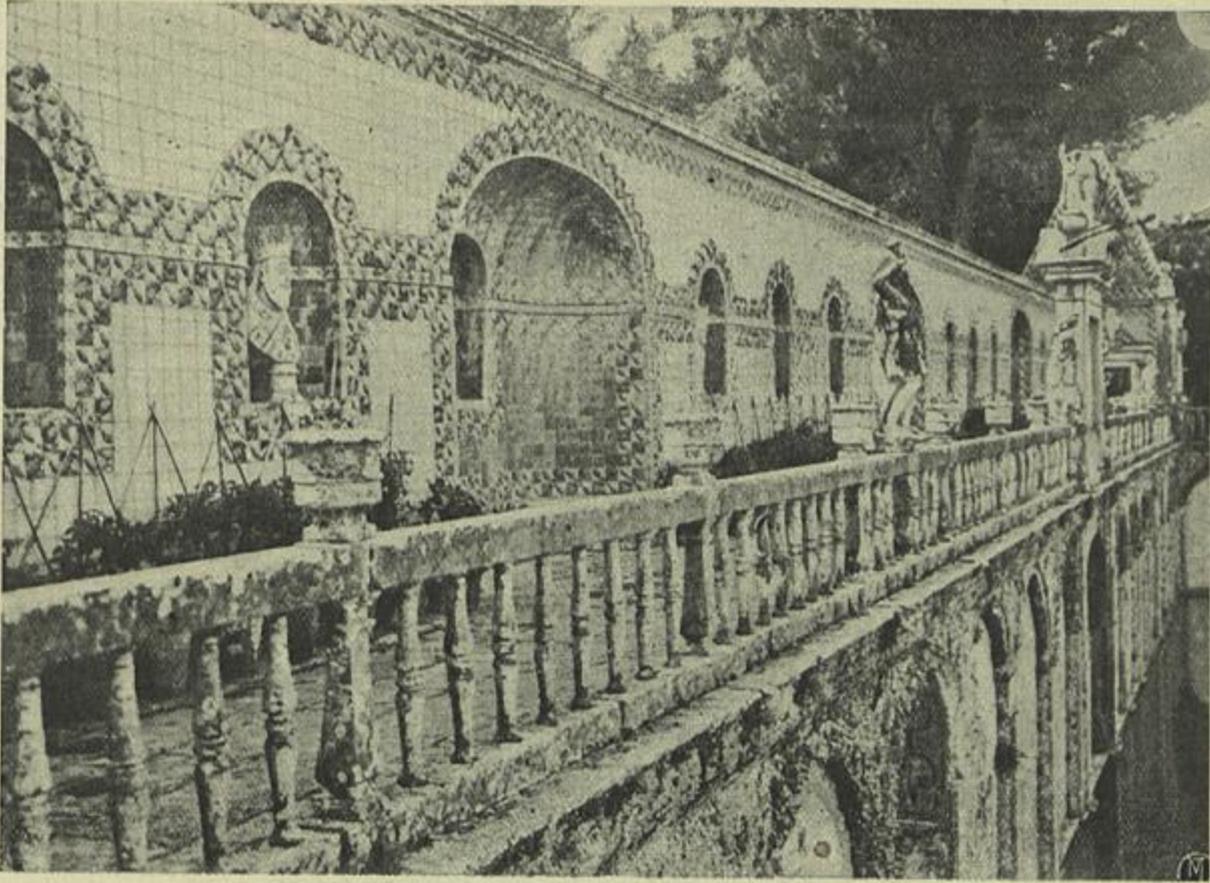


BENÇÃO DAS BANDEIRAS DO EXERCITO SERVIO ANTES DE PARTIR PARA A GUERRA

(De fotografias)

Esta aproximação política foi rematada pelo accordo militar dos Estados balticos, o qual se manifestou pelos pedidos cominatorios de reformas á Turquia, cujo chéque determinou a guerra actual.

Os estados balticos, fartos de esperar o cumprimento das promessas turcas a favor das populações christãs, decidiram-se a intervir directamente, não se contentando com a promessa da Turquia. Esta, por seu lado, declarou que não accetava a intervenção das potencias nos negocios internacionaes do imperio, declarando mais que não se inclinaria perante as



GALERIA DOS REIS, NO JARDIM DO PALACIO DOS SRS. MARQUÊSES DE FRONTEIRA

exigencias da Bulgaria, da Servia e da Grecia.

Sazonoff, ministro dos estrangeiros da Russia, Poincaré, presidente do conselho e ministro dos estrangeiros da França, e o conde de Berchtold, ministro dos estrangeiros da Austria, esforçam-se para impedir que se declare a guerra; mas o facto tem de consummar-se. No dia 30 de setembro os quatro paizes da liga baltica mobilizam os seus exercitos. A 1 de outubro a Turquia mobilisa o seu. No dia 2 as grandes potencias fazem, nas capitães dos estados balticos, representações a favor da paz; a 3 é apresentado



PALACIO DOS SRS. MARQUÊSES DE FRONTEIRA, EM BEMFICA

em Constantinopla o ultimatum reclamando reformas na Turquia europeia. A 7, Poincaré propõe que nas quatro capitães se façam representações collectivas com o fim de impedir o rompimento das hostilidades, instando se com a Turquia para que conceda as reformas exigidas. Em 8, o Montenegro declara guerra á Turquia, iniciando os combates na fronteira. Em 10, Detchich cae nas mãos dos montenegrinos, e nesse mesmo dia as potencias instam junto do governo ottomano para que conceda as reformas solicitadas. A 11 os montenegrinos avançam sobre Scutari e em 14 assenhoriam-se de Tuzi; os deputados cretenses tomam assento no parlamento hellenico, proclamando-se a annexação de Creta á Grecia, aspiração ha muito desejada pelos povos irmãos; a Grecia reclama a livre pratica dos navios gregos detidos pela Turquia; tres mil turcos atravessam a fronteira servia; a Porta responde ás potencias repudiando qualquer interferencia das potencias estrangeiras nos negocios internos turcos.

No dia 15, assigna-se a paz entre a Italia e a Turquia; o governo ottomano chama os seus ministros acreditados nos quatro estados balkanicos. Em 16, os montenegrinos apossam-se de Berana e a 17 a Turquia declara guerra á Bulgaria e Servia, que accceitam o repto. A 18 principia a avancada bulgara sobre Andrinopla; o exercito grego invade a Turquia e a sua esquadra sae de Athenas. Segue-se uma demonstração naval turca em frente dos portos bulgaros de Varna, Missioria e Burgas. O exercito bulgaro da Thracia que é o mais numeroso e o mais bem disciplinado dos da liga balkanica, apoderou-se de Mustaphá Pachá, de Kirk Kilisse.

Os turcos retrocedem, mas parece que o seu plano consiste em não se afastarem demasiado das suas bases de operações e obrigarem os adversarios a afastar-se das suas.

São duas, por emquanto, as zonas das operações: a que se estende ao redor de Uskub e a que rodeia Andrinopla. Esta é a mais importante, por estar no caminho de Constantinopla, o objectivo

Os servios tomaram Uskub, a melhor praça forte no caminho para Salonica, e os bulgaros estão senhores da *gare* de Andrinopla.

A Rumânia parece mobilisar tambem as suas forças, embora mantendo-se neutral.

As noticias de procedencias varias não permitem que façamos um juizo sobre a probabilidade da victoria. Os combates teem sido violentos, com perdas avultadas de parte a parte, parecendo que o desanimo se apossou muito cedo das tropas turcas, que não esperavam ataque tão rapido da parte dos bulgaros. E' de crêr porém que o affluxo constante de tropas da Turquia asiatica, determine uma nova feição aos combates cujo resultado constitue permanente inquietação em todo o mundo, tanto mais quanto é certo que nesta guerra, verdadeiramente formidavel, estão empenhados cerca de um milhão e quinhentos mil homens. E' aquella, em que, de ha um seculo para cá, entra maior numero de combatentes. Na guerra franco-prussiana de 1806 entraram 240:000 soldados; na austro-franceza de 1809 530:000; na franco-russa de 1812, 750:000; na da Criméa, em 1854, 340:000; na franco-austriaca, de 1859, 310:000; na austro-prussiana, de 1865, 830:000; na franco-alemã de 1870, 1.025:000; na russo-turca de 1877, 500:000; na anglo-boer de 1899, 100:000; na russo-japoneza, 400:000.

As forças christãs são em numero de 700:000, a saber: — Montenegrinos, 40:000; Gregos, 110:000; Servios, 250:000; Bulgaros, 300:000.

Os Turcos, utilizando todos os recursos, podem equipar 800:000 a 900:000 homens, massa enorme em que não é facil produzirem-se as defecções que geralmente se dão numa coalisção cuja acção é difficil de coordenar.

Por outro lado convem meter em linha de conta a favor dos christãos um elemento de força cujo effeito pode ser decisivo, e que está representado pelos 230:000 ou 300:000 christãos da Macedonia, bulgaros, gregos, servios, que possuem espingardas e cartuchos, os quaes não deixarão de sublevar-se contra os turcos, accommettendo os seus comboios, fazendo saltar os caminhos de ferro e as pontes, prejudicando assim consideravelmente as operações ottomanas.

Admittindo que os musulmanos civis e armados da Macedonia se amotinem tambem contra os christãos para os neutralizar, é de presumir que a par da guerra propriamente dita, se produzirá uma guerra civil atroz, que provavelmente ultrapassará em horror as hecatombes dos campos de batalha em que serão degoladas as tropas regulares.

Em resumo, pode dizer-se que as forças em presença são sensivelmente equivalentes. Os sol-

dados são egualmente corajosos e resistentes d'uma e d'outra parte. Suas paixões nacionaes e guerreiras estão exalçadas ao ponto mais elevado, mas é forçoso confessar que as tropas turcas, quer devido á indisciplina que ha muito lavra no seu seio, quer em consequencia da precipitação do ataque por parte dos Estados colligados, e nomeadamente pelos bulgaros, teem soffrido successivas e humilhantes derrotas.

O exercito turco, instruido pelo marechal allemão Von dez Goltz e por outros officiaes, era considerado a pedra fundamental do imperio ottomano. O seu movimento de recuo e as suas enormes perdas, em vidas e prisioneiros, refletem frisantemente a desorganização que lavra em geral nos serviços da Joven Turquia a qual assim parece provar que está abalada nos seus mais solidos alicerces.

E' surpreendente o contraste entre os Estados balkanicos e a Turquia. Nesta guerra, neste choque de raças e religiões, em que a *cruz* e o *crecente* se chocam por cima das bandeiras, ha, d'uma parte e d'outra, uma exaltação das almas, um despertar de energia humana, que infundem, nas testemunhas d'este momento historico, um respeito impressionante. Raras vezes se tem visto os povos partirem para a guerra com tanto entusiasmo, com tão grande alegria mystica.

Parece superfluo afirmar que a guerra actual é sobretudo uma *lucta entre a cruz e o crecente*. Numa proclamação lida ao exercito em Podgoritza, o rei Nicolau declara que sua patria ia para uma empreza santa, e estava atacando a Turquia, não por arrogancia, mas sim inspirada nas mais nobres intenções de impedir o extremismo de seus irmãos. Nisto — disse o novo Pedro Ermita — elle seria lealmente auxiliado pelos reis da Servia, da Bulgaria e da Grecia; e teria as sympathias de todo o mundo civilisado. As suas esperanças de libertação dos turcos na Turquia sem derramamento de sangue estam reduzidas a zero.

Vejamos rapidamente a marcha dos differentes exercitos.

O nucleo das forças da coalisção, a massa de homens superior ao mesmo tempo pelo numero, pelo porte e pelo material de guerra, é constituido pelas tropas bulgaras, divididas em tres exercitos sob o commando supremo do rei Fernando.

O primeiro e o terceiro exercitos operam conjunctamente no theatro estrategico da Thracia, o grande campo de batalha, e parece que abrangem a totalidade do exercito d'operações bulgaras, cerca de 250:000 homens.

O primeiro exercito (5 divisões), concentrado no triangulo Hermenlu Stara Zagora-Seimen, apossou-se successivamente, numa acção rapida, das posições de Kurtheni e Mustapha Pachá, encontrando-se já nos arredores de Andrinopla, que pretendem fazer render pela fome.

O terceiro exercito (4 divisões) deu o assalto de Kirk Kilisse.

O segundo exercito é formado de tropas de segunda linha. E' uma milicia de 54:000 homens. Concentrado no valle de Struma, região de Kustendil, passou a fronteira, occupou Djumai e uma parte de suas forças occupa o desfiladeiro de Kresna, ao passo que as outras divisões operam com as tropas servias.

Conforme o plano geral adoptado pelos alliados, a guarda d'uma parte da fronteira bulgara, na região de Kustendel, está confiada a tropas servias.

O exercito do rei Pedro é formado de tres grupos distinctos. As cinco divisões da primeira linha constituem o primeiro exercito que, concentrado ao longo da Morara, na região de Vranja, sob o commando do principe Alexandre, tem por objectivo directo Uskub.

O segundo exercito foi enviado por Sofia para Kustendil, ponto de concentração do segundo exercito bulgaro, e, segundo informações recentes, marcha tambem sobre Uskub em duas columnas, a primeira das quaes, depois de ter occupado Egri Palanka, attingiu Kotchava, emquanto a segunda (bulgaro servia) está em Kratovo, a 35 kilometros de Kumanovo.

O terceiro exercito guarda a fronteira servia do Sandjak, ao mesmo tempo que dirige a offensiva sobre Prichtina e Novi Bazar, que já occupou, isolando assim Mitrovitza e achando-se em condições tanto para dar a mão ao corpo montenegrino do Sanjak como para tomar a direcção de Uskub, exactamente como os dois outros exercitos.

Do lado grego, uma divisão partida d'Arta, marcha sobre Janina. Mas o grosso do exercito segue o caminho da Thessaha, sob o commando do principe herdeiro Constantino, que tomou Elassona e marcha sobre a Servia, chave dos

desfiladeiros que dominam as estradas de Monastir e Salonica.

A estes multiplos adversarios, a Turquia oppõe, sob o commando superior de Nazim-pachá, forças actualmente um pouco inferiores, mas que de dia para dia augmentam com reforços trazidos da Anatólia. O exercito está dividido em duas massas, uma de 210:000 homens, sob o commando de Riza pachá, opera na Macedonia, e outra, de 230:000 homens, commandada por Abdullah pachá, que, d'um lado defende com calor a linha d'Andrinopla Kirk Kilisse, e, por outro lado, mantem em reserva uma formidavel barreira de homens na estrada de Constantinopla.

Pelo mar, as operações, que até agora se podem considerar secundarias, teem sido realizadas egualmente pelas esquadras adversas, isto é, a turca e a grega. A esquadra turca hombardeou os portos bulgaros de Varna e Kavama. A grega desembarcou tropas nas ilhas de Tenedos e de Lemnos e cruza dentro dos Darjanellos.

A Turquia possui tres couraçados de 9:000 toneladas, de 17 milhas, e um de 4:600 toneladas, de 13 milhas. Conta mais sete pequenos cruzadores entre 740 e 3:800 toneladas, de velocidade que varia entre 13 e 22 milhas, dez *destroyers* de 280 toneladas, e talvez outros tantos torpedeiros de 85 a 165 toneladas.

A esquadra turca é commandada por um official da marinha real inglesa.

A marinha da Grecia pode fazer frente á esquadra ottomana, pois conta um cruzador couraçado de 9:000 toneladas, o *Georgios Averoff*, e tres couraçados de 5:000 toneladas: *Hydra*, *Psara* e *Spezai*, mais tres canhoneiras de 400 toneladas, oito *destroyers* e um submarino.

A marinha bulgara nada pode contra a esquadra turca.

Se a Turquia não tivesse feito a paz com a Italia, então estava agora em muito peores condições. O tratado celebrado em Ouchy, entre o governo de Roma e de Constantinopla, não reconhece por parte da Porta a soberania italiana na Libya. A Turquia contenta-se apenas em fazer proclamar, por um *firman* do sultão, a autonomia da Tripolitana e da Cyrinaica, consentindo na chamada de suas tropas e obrigando-se a cessar o incentivo á resistencia dos arabes. Recibe, pelo contrario, uma indemnização pelo resgate da divida publica e dos bens senhoriaes. Obtem o direito de estabelecer em Tripoli um representante para a protecção dos interesses ottomanos, e o *cheick ul islam* continuará a nomear os *cadis*: o que deixa subsistir um laço permanente entre a Libya e o islam.

Os italianos compromettem-se a evacuar as ilhas do Archipelago, logo que as tropas ottomanas abandonem a Africa com todas as honras da guerra.

Como se vê, o tratado visa a não prejudicar a lei da soberania italiana e a não offender os principios religiosos das populações musulmanas, d'oravante submettidas á Italia.

Lisboa, 28 — x — 912.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Palacio dos srs. marquêses de Fronteira

Na estrada das Laranjeiras, á esquerda e em frente do parque do mesmo nome, encontra-se um caminho que conduz a uma das habitações mais nobres, qual é o palacio dos srs. marquêses de Fronteira.

Esta soberba residencia data do ultimo quartel do seculo xvii, mandada construir pelo primeiro marquês de Fronteira e segundo conde da Torre D. João de Mascarenhas, na quinta que já ali existia, no começo da encosta da serra de Monsanto, do lado de Bemfica, e proximo á capela, tudo pertencente ás terras da casa Mascarenhas, denominadas *Morgado novo*.

A capela é muito antiga, parecendo ter sido restaurada no seculo xvi peio que se lê numa inscrição por sobre a porta e que tem a data de 1548.

Não ha duvida que este palacio é dos mais antigos da nobreza de Portugal e ao mesmo tempo dos mais suntuosos, rico, principalmente, pelos quadros de grande valia historica e artistica, que guarnecem suas salas, muito em especial a chamada das *Batalhas*. Esta sala, que é a de jantar, mede onze metros e meio de comprimento por nove de largura, tem cinco portas e outras

tantas janelas, sobre as quaes se vêem varios bustos de familia como: D. Fernão de Magalhães, senhor de Lavre, comendador de Mertola e de Almodovar, alcaide-mór de Montemor-o-Novo e de Alcaer do Sal, capitão de ginetes dos monarchas D. João II e D. Manuel I, chefe da casa dos Mascarenhas; D. Manuel de Mascarenhas que se distinguiu na conquista de Azamor, em 1515, e foi governador de Arzila, onde morreu, merecendo por suas façanhas guerreiras o cognome de *O espada cortadora*; D. Fernando de Magalhães, que morreu na batalha de Alcaer-Quibir de 4 de agosto de 1578; D. Manuel de Mascarenhas, que ficou ferido e prisioneiro na mesma batalha; 1.º conde da Torre D. Fernando de Mascarenhas, governador de Ceuta e de Tanjer; 2.º marquês de Fronteira, que comandou a vanguarda do marquês das Minas, quando este entrou em Madrid e assistiu á batalha de Almanza; 3.º marquês de Fronteira, general de diferentes capitánias do Brasil; 4.º e 5.º marquês e D. Francisco de Mascarenhas, 1.º conde de Coculim. Na principal parede desta sala, levanta-se, em alto relevo, o retrato do 1.º marquês de Fronteira, de tamanho natural e a cavallo, com seu uniforme de marechal, lendo-se, em uma inscrição por baixo deste grande quadro, os diferentes cargos que desempenhou e as honras que lhe foram conferidas.

Tem ainda esta sala um alto lambri de azulejo com pintura das batalhas em que figuraram membros da familia, merecendo especialisar-se a batalha do Ameixial, de 8 de junho de 1663, em que se vê o fundador desta casa lutando corpo a corpo com o general castelhano D. João d'Austria. Deste facto, parece haver memoria na Armaria de Madrid, onde existe o elmo que D. João d'Austria usou naquela batalha, o qual está marcado pela espada do 2.º conde da Torre.

Existe tambem neste palacio um retrato de D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei da India e dois dos marquês de Alorna, um deles antes da sua prisão e o outro depois do encarceramento, que durou 18 anos; além destes existem alguns retratos de damas illustres como o da marquês de Tavora, D. Leonor, D. Madalena de Vilhena, etc.

Este palacio princepsco deita uma das suas fachadas para o pateo de entrada, onde ha duas lindas fontes; outra para um jardim á inglesa onde ha um tanque ornamental do qual se ergue uma estatua de Venus, em marmore; a terceira fachada deita sobre um grande jardim, estilo italiano, decorado com tanques, cujo principal mede 50 metros de comprimento por 19 de largo, guarnecido de balaustrada, sobre que assentam vasos e estatuas em marmore. E' na parte superior de um dos lados deste tanque que corre uma galeria denominada *dos reis*, pois nela se vêem, em uma serie de nichos ao longo, os bustos, em marmore de Carrara, dos reis de Portugal desde D. Afonso Henriques até D. João V. Outra fachada do palacio tem uma espaçosa varanda decorada de estatuas em marmore representando figuras da Mitologia.

Tanto o jardim como a mata tem belos exemplares de plantas, algumas raras em nosso país. Todo este conjunto constitue uma das mais belas propriedades nobres de Portugal.



Uma rosa artificial

pelo sr. Alfredo Marçal Brandão

A rosa que reproduzimos em gravura é mais um delicado trabalho artistico do sr. Alfredo Marçal Brandão, bem conhecido e reputado por outras obras artisticas deste genero, algumas reproduzidas nesta revista.

Uma linda rosa de suave colorido, em cujas petalas se lêem as palavras: *Ordem, Progresso, Trabalho*, em elegantes e minusculos caracteres;

numa das petalas desenha-se uma iluminura de trofeu das armas e bandeira nacionaes; na folhagem lê-se a palavra *Trabalho* e a data *5 de Outubro de 1910*. Todo este difficil e paciente trabalho está primorosamente executado.

Esta rosa foi oferecida pelo autor ao *Diario de Noticias*, que por sua vez a ofereceu á esposa de Sua Ex.^a o Presidente da Republica, ex.^a sr.^a D. Lucrecia de Arriaga.

Para este fim, a veneranda senhora recebeu no palacio de Belem, no dia 4 deste mez, os nossos colegas daquele jornal, srs. José Tomaz Coelho e J. Rangel de Lima, os quaes fizeram entrega do primoroso brinde, que com a devida autori-



ROSA ARTIFICIAL FEITA PELO SR. ALFREDO BRANDÃO E OFERECIDA PELO «DIARIO DE NOTICIAS» Á ESPOSA DE SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA, D. LUCRECIA DE ARRIAGA.

zação do distinto florista portuense, ofereceram a sua ex.^a

A senhora D. Lucrecia de Arriaga apreciou a delicada oferta como o primoroso trabalho do sr. Alfredo Brandão, que muito elogiou, fazendo tambem honrosa referencia ao *Diario de Noticias*, o primeiro jornal popular do país, fundado por Eduardo Coelho ha 48 anos e de que sua ex.^a ha muito tempo é leitora.

A nossa gravura representa a rosa assente sobre um cartão iluminado, lendo-se na parte superior a data *5 de Outubro de 1910* e no canto inferior direito os seguintes versos de Luis Augusto Palmeirim:

Minha Patria quem sabe se ainda
A ser grande outra vez voltarás;
A memoria d'um Povo não finda
Os teus filhos ainda acharás.
Alva estrela que ao longe desponta
Ha de em terra da Patria luzir,
Dae lhe a esmola que a lave d'afrota
Talvez possa da campa surgir.



N'um baile:

— Que te parecem as damas deste salão?
— Sou pouco entendido em pintura.



A Farmacia em Casa. *Manual de Higiene*, pelo dr. J. Polinard, tradução de João Sincero, Casa E. da Cunha e Sá — Lisboa — Porto, 1912. E' um livrinho de grande utilidade, como é facil de perceber pelo titulo, que de facto corresponde á materia de que trata, dando breves noções de preceitos higienicos que são o melhor preservativo das doenças, e indicando, modo de as tratar.

O seu preço é apenas de 200 réis.

Patria e Republica, por Manuel Joaquim Gonçalves Castro, antigo professor e jornalista. Tipografia da Casa Cunha e Sá, editora, Lisboa, 1912. Um folheto de propaganda republicana, em dialogo.

O Palco — Bilhetes Postaes ilustrados. — Coleção de bilhetes postaes com os retratos em caricatura de actrizes, actores e autores dramaticos, por Amarelhe, muito interessante e engraçada, de que é editora a Casa Cunha e Sá, Lisboa.

Sociedade de Geographia de Lisboa. — *Boletins* n.ºs 6 e 7 da 30.ª serie de 1912. O sumario destes numeros é o seguinte: *Bordeus*, por D. Maria Tereza Almeida d'Eça; *O vento leste na ilha da Madeira*, por Alberto Sarmento; *Ideias, factos e homens*, por João Farmhouse; *Colónias Portuguezas nas ilhas de Hawaii e America do Norte*, por Joaquim Costa; *Pescas e peixes*, por Baltazar Osorio; *Movimento social nos mezes de janeiro a junho de 1912*; Biblioteca.



Uma festa no Club da Poça de S. João do Estoril

Não foi das menos animadas a vida das praias este ano. Por toda a parte se inventaram festas que os lindos dias deste outono tornou tanto mais alegres, podendo dizer-se que a estação balnear fechou com chave de ouro com a festa de caridade que, no dia 12 deste mez, os banhistas do Estoril levaram a efeito no Club da Poça, em favor das escolas criadas e mantidas pela *Sociedade Educaçao Social* de S. João do Estoril. Uma comissão de senhoras foi a organisadora da festa, o que mais simpatica a tornou.

Houve concerto de orchestra em que entraram distintos amadores: srs. Anibal Barros da Fonseca, Antonio Adriano da Costa, Canuto Machado da Cunha Lisboa, Carlos de Oliveira, João Candido Torres Costa, José Jorge Nobre Sobrinho, Levy Bensabat, Manuel Silva, Nascimento Machado da Cunha Lisboa e Samuel Pessôa.

Estes amadores executaram varios solos e doctos, em que tambem tomaram parte muito gentis e distintas senhoras, em que devemos mencionar: *Quadros dissolventes*, doetto pela menina Maria Sousel Correia Leal e o menino João Botto Carvalho; *Solo de guitarra espanhola*, pela sr.^a D. Reyna Saragga Ribeiro de Sousa; *Fados na guitarra*, pela sr.^a D. Maria da Conceição de Araujo Assis; *O Riso*, monologo pela sr.^a D. Fabia Emilia Henriques Nogueira; *Sevilhanas*, bailes andaluzes pelas sr.^{as} D. Virginia Teixeira e D. Aurora Teixeira, acompanhadas a guitarra pela sr.^a D. Maria da Conceição de Araujo Assis e sr. Alberto Lima.

Nos côros tomaram parte as promotoras da festa as sr.^{as} D. Albertina Fonseca, D. Alda Duarte, D. Alda Maria Torres, D. Amelia Leão de Oliveira, D. Berta Augusta Viçoso Borges, D. Constança Cunha Lisboa, D. Dinorah Ribeiro de Sousa, D. Emma Fonseca, D. Ester Ribeiro de Sousa, D. Fabia Emilia Henriques Nogueira, D. Irene Cunha, D. Irene Sousa, D. Lêa Vieira



UMA FESTA NO CLUB DA POÇA DE S. JOÃO DO ESTORIL — GRUPO DOS AMADORES QUE TOMARAM PARTE NA RECITA E CONCERTO

D. Madalena Caçador, D. Maria Henriqueta Torres, D. Maria Lucilia Pereira, D. Sarah Ribeiro de Sousa.

Entre os numeros do programa notou se mais especialmente a representação do episodio dramatico, original de Marcelino de Mesquita, *Uma Anedota*, pela menina D. Madalena Caçador e o sr. Jose Condeixa.

O desempenho do papel de João pela menina D. Madalena Caçador, foi magnifico, provando sua grande inclinação para a arte, no que, aliaz, não desmerece dos talentos de sua avó, a notavel actriz Amelia Vieira.

Não menos se distinguiu a sr.ª D. Reyna Saragga Ribeiro de Sousa, no solo de guitarra espanhola.

A festa foi iniciada com a recitação da seguinte poesia do sr. dr. Candido De Figueiredo:

Prólogo

Senhores! Diz nos o instincto,
e a própria história o revela,
que as mulher's foram e são
a mais perfeita e a mais bela
das obras da Criação.

E' vêr como elas acodem
aonde benignas podem
levar conforto á desgraça,
difundir a paz e o bem,
e amparar quem quer que passa
sem arrimo de ninguém!

Filha, esposa, amiga ou mãe,
toda ela é coração,
e do coração lhe vem

o bálsamo que ela espalha
nas máguas que o mundo tem

Do coração feminino
veio a simpática festa
que neste logar se apresta;
e, em vez de entoar um hino
em louvor e saudação
dêsse nobre coração,
apenas direi ainda:
as mulher's foram e são
a mais perfeita e mais linda
das obras da Criação.

S. João do Estoril, 12 de Outubro de 1912.

Candido de Figueiredo.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



RUA DA EMENDA, 118, 1.º, á praça Luiz de Camões — LISBOA

A. COUTO

Alfaiate

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815

Novas installações d'este atelier — Rua da Emenda, 118, 1.º — Esquina do Loreto. Este atelier está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS NOVIDADES DE PARIS E LONDRES.

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA
A TOSSE

LABORE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata » » » » » 240 »

A' venda em todas as pharmacias